

**Resumo:** O artigo apresenta o projeto *Entrevistas Profissionais*, realizado em 2022 e 2023, que visa preservar a memória da profissão e da Associação Portuguesa de Bibliotecários, Arquivistas, Profissionais da Informação e Documentação, através de entrevistas a nove associados honorários, em formato vídeo. As entrevistas, conduzidas com metodologia qualitativa e apoiadas em transcrição assistida por *software* e revisão interpretativa, permitem explorar percursos profissionais, formação, desenvolvimento de competências e contributos dos entrevistados para a profissão e para a Associação. O artigo discute o papel da entrevista como técnica de investigação e descreve práticas de associações congéneres noutros países na recolha de memória profissional. Os resultados evidenciam excertos das entrevistas em três eixos principais: formação e consolidação de competências, valorização dos percursos e da identidade profissional e preservação da memória institucional da Associação, sublinhando o impacto do associativismo na dignificação da carreira e na construção de uma identidade profissional.

**Palavras-chave:** Associação Portuguesa de Bibliotecários, Arquivistas, Profissionais da Informação e Documentação; Entrevistas; Memória; Profissão de Informação Documentação.

**Abstract:** This article presents the *Professional Interviews* project, carried out in 2022 and 2023, which aims to preserve the history of the profession and of the Associação Portuguesa de Bibliotecários, Arquivistas, Profissionais da Informação e Documentação, through video interviews with nine honorary members. The interviews, conducted using qualitative methodology and supported by software assisted transcription and interpretative review, enable an exploration of the interviewees' career paths, training, skills development and contributions to the profession and the association. The article discusses the role of the interview as a research technique and describes the practices of similar associations in other countries in the collection of professional memory. The results present excerpts from the interviews across three main themes: training and consolidation of skills, the valuing of career paths and professional identity, and the preservation of the association's institutional memory, highlighting the impact of professional associations on the dignification of the career and the construction of a professional identity.

**Keywords:** Associação Portuguesa de Bibliotecários, Arquivistas, Profissionais da Informação e Documentação; Interviews; Memory; Information and Documentation Profession.

## Introdução

O projeto *Memória BAD* foi desenvolvido por uma equipa coordenada pela autora deste trabalho, durante os anos 2021 a 2023, no âmbito da Associação Portuguesa de Bibliotecários, Arquivistas, Profissionais da Informação e Documentação (BAD). Integrado no plano de atividades da Associação, o projeto englobou diversas ações, onde se destacam as *Entrevistas Profissionais*, que implicaram entrevistas a nove profissionais de relevo na área e que se destacaram no compromisso com ela, publicadas no canal Youtube da BAD (BAD, 2025a). Outras ações também foram implementadas, como a recolha de testemunhos dos vencedores do Prémio Raul Proença, em formato de vídeo, e o levantamento de 30 testemunhos de associados publicados nas redes sociais (BAD, 2025b).

O objetivo do projeto *Entrevistas Profissionais* foi salvaguardar a memória da profissão e registar experiências e desafios dos profissionais ao longo das suas carreiras, tornando esse conteúdo acessível online na *playlist Entrevistas Profissionais* no canal Youtube da BAD. Este registo é de grande importância para a BAD, que tem, entre os seus objetivos, a preservação da memória e da história social da Associação, a criação de um acervo de testemunhos escritos e em formato de vídeo focados no mundo profissional e no papel dos entrevistados, a constituição um arquivo de memórias sobre os associados e valorização do património social, integrando as identidades pessoais e profissionais. No portal BAD.pt, foi criada a secção *Somos Profissão*, que reúne um arquivo de narrativas escritas e de vídeos sobre os associados, abordando diferentes temas ligados à profissão e ao associativismo (BAD, 2025b). A partilha de histórias pessoais e profissionais são essenciais para as comunidades e para as associações, pois fortalecem a identidade coletiva e destacam o valor profissional e associativo.

Entrevistar profissionais já aposentados e outros ainda no ativo constitui uma prática de grande valor para o desenvolvimento profissional. Esta prática traz benefícios significativos para a comunidade, entre as quais, a aprendizagem através dos relatos que abordam desafios e oportunidades, erros e soluções encontradas em contextos profissionais concretos; a implementação de uma reflexão crítica sobre a profissão, proporcionando uma visão mais próxima da prática do que apenas pelo estudo teórico; a valorização de outros profissionais e a construção de um percurso e de uma identidade profissional. Em resumo, as entrevistas a profissionais de uma área de trabalho são ferramentas valiosas para o desenvolvimento de outros profissionais, promovem aprendizagens, inspiração, reflexão crítica e fortalecendo tanto indivíduos quanto as comunidades profissionais e, neste caso, a memória associativa.

Ochôa e Barata (2018) destacam a importância de investigar e refletir sobre a memória profissional, afirmando que tal reflexão é indispensável para a construção de uma identidade coletiva da profissão. Os autores defendem a criação de um dicionário profissional com biografias, bem como o desenvolvimento de estudos sobre a história da profissão, dos seus profissionais e das suas trajetórias, valorizando especialmente os registos autobiográficos e os obituários. Apesar de existirem esforços pontuais, como a recolha de testemunhos, publicações de cronologias especializadas, relatos apresentados em eventos e sessões de homenagem, e ainda estudos biográficos em dissertações de mestrado, estas iniciativas permanecem dispersas e frequentemente dependentes do trabalho de grupos ou de indivíduos isolados, evidenciando a ausência de uma estratégia coletiva organizada e sistemática para a preservação e divulgação desta memória. Ochôa e Pinto (2018) referem que as iniciativas relacionadas com o tema da memória da profissão estão fragmentadas e não valorizam a partilha da memória intergeracional para a construção do futuro.

Este trabalho tem como objetivo principal apresentar o projeto *Entrevistas Profissionais*, desenvolvido entre 2022 e 2023, no âmbito da BAD, cuja finalidade foi preservar a memória institucional da Associação e reconhecer o contributo dos profissionais para o seu desenvolvimento e para o progresso da profissão. Como objetivos específicos, propõe-se divulgar, através de excertos das entrevistas realizadas a nove profissionais, associados honorários da BAD, os resultados da análise de conteúdo, com destaque para três categorias relacionadas com a formação e o desenvolvimento de competências dos entrevistados, a valorização dos seus percursos e a salvaguarda da memória da BAD.

Pretende-se, assim, contribuir de forma efetiva para o debate crítico em torno das práticas profissionais dos últimos anos e da própria história da Associação, a partir das entrevistas realizadas a profissionais do setor.

### *Metodologia*

Com base na análise da literatura, apresenta-se a entrevista como método de recolha de dados numa investigação qualitativa, para preservar a memória tanto profissional como a associativa (MAGALHÃES e PAUL, 2021). Sistematizaram-se estratégias e posicionamentos, com base na observação dos sítios *web* de várias associações profissionais da área da Informação e Documentação, relativamente à realização de entrevistas a profissionais em diferentes partes do mundo.

Para a exploração das entrevistas efetuadas a nove profissionais, adotou-se uma abordagem qualitativa, articulando a entrevista semiestruturada, o registo multimédia, a transcrição e, por fim, realizou-se a análise de conteúdo temática, para captar a complexidade e riqueza da experiência dos profissionais da informação e da sua atuação na BAD, nos últimos cinquenta anos.

Iniciou-se o processo de transcrição, entendido como um procedimento metodológico que converte o discurso oral em texto escrito de forma coerente e significativa, seguindo um guião que orientou todas as etapas do trabalho.

As entrevistas semidiretivas não foram logo submetidas a um processo de análise de conteúdo, tendo sido publicadas *online* de forma integral, sem qualquer corte ou tratamento nos registos de vídeo e áudio (AZEVEDO *et al.*, 2017). Na transcrição das entrevistas para texto, recorreu-se ao *software* Whisper, da OpenAI, utilizando o modelo *large-v2*. Após a transcrição automática, foi realizada uma revisão manual, de natureza interpretativa e representativa, que não se limitou a uma mera correção mecânica. Optou-se por uma abordagem não naturalista e seletiva, centrada no conteúdo verbal e que omitiu elementos como pausas, vocalizações e repetições de palavras (AZEVEDO *et al.*, 2017), procedendo-se à adaptação do discurso oral à linguagem escrita (BAILEY, 2008).

Esta etapa revelou-se particularmente importante para aprofundar a compreensão dos significados atribuídos pelos entrevistados às suas experiências pessoais e profissionais. Foi utilizado um guião baseado no protocolo de transcrição adotado em todas as entrevistas (AZEVEDO *et al.*, 2017), procedendo-se à comparação entre o texto transcrito e a respetiva gravação, de modo a garantir a exatidão da informação obtida. Após esta fase, aplicou-se a técnica de análise de conteúdo, de tratamento e interpretação do material empírico às transcrições dos registos multimédia para texto escrito, criando categorias, classes estruturadas que agrupam excertos das entrevistas sobre vários temas com características comuns, que permitiram transformar os dados brutos em significados e, neste caso, definidas depois da leitura da transcrição de todas as entrevistas (BARDIN, 1977).

Como o processo ainda se encontra em curso, incluindo as fases de correção e verificação dos textos transcritos pelos próprios entrevistados, os respetivos nomes foram omitidos neste trabalho. Apenas alguns dos excertos de entrevistas classificados em três categorias provenientes da análise de conteúdo, são mencionados, devido à limitação de espaço neste

artigo, a saber: as categorias “Formação e desenvolvimento de competências”, “Valorização do percurso e da identidade profissional” e “Preservação da memória da BAD”.

### *A entrevista como técnica de recolha de informação*

A entrevista é reconhecida como uma técnica de recolha de informação fundamental na investigação qualitativa, especialmente quando se trata de compreender a história de associações, histórias de personalidades e de experiências profissionais. Poucos estudos tratam de forma aprofundada o emprego da entrevista como técnica de recolha de dados para registo histórico de organizações e associações, valorizando o ponto de vista dos profissionais inseridos nessas entidades, o que torna esta técnica uma área ainda pouco explorada, mas com grande potencial para a preservação da memória coletiva das organizações.

A entrevista é definida como uma situação de interação pessoal, tecnicamente conduzida, com objetivos precisos, cujo propósito é obter informações detalhadas e contextualizadas a partir dos entrevistados (MAGALHÃES e PAUL, 2021). Trata-se de um método que exige planeamento cuidadoso, pois envolve procedimentos básicos e estratégicos que começam na definição clara dos objetivos, pela motivação do entrevistado e culminam na obtenção de um relato colaborativo e espontâneo.

A entrevista pode ser presencial, face a face, ou realizada através de plataforma digital, em direto, não presencial ou gravada em áudio e /ou vídeo para publicar e visualizar mais tarde, em diferido. A diversidade de tipologias de entrevistas é ampla, abrangendo desde as que se realizam em contexto de acolhimento institucional, de avaliação, no apoio e na orientação de uma investigação, até em contextos judiciais e médicos (BUSCHOLZ, 2000; MAGALHÃES e PAUL, 2021).

Um aspeto crucial na condução de entrevistas, especialmente em ciências humanas, é a observância de princípios éticos rigorosos. O entrevistador deve manter uma postura neutra, evitar julgamentos e estabelecer uma relação respeitosa e educada com o entrevistado. A American Psychological Association (2017) determina cinco princípios gerais para assegurar a ética nesse processo: a beneficência, no sentido de não causar danos ao participante, a responsabilidade, a integridade, a justiça e o respeito pela dignidade e pelos direitos dos envolvidos. Estes preceitos sustentam a legitimidade e a validade da entrevista não apenas como ferramenta técnica, mas também como ato respeitador da pessoa que contribui com o seu testemunho.

Quanto à estrutura da entrevista, existem várias modalidades, por exemplo, a que segue um guião estrito, composto por perguntas fechadas previamente definidas, não permitindo desvios. Esta técnica favorece a replicabilidade e a aplicação em múltiplos respondentes, facilitando a comparação e análise sistemática dos dados finais. No entanto, essa rigidez pode limitar a profundidade da informação, visto que a introdução de novos temas ou questionamentos não é possível neste formato. Por outro lado, na entrevista semidiretiva há a possibilidade de incluir perguntas abertas ou indiretas que ao estimularem respostas personalizadas e interpretativas, enriquecem o conteúdo recolhido, mas exigem maior flexibilidade e habilidade do entrevistador para conduzir a conversa e explorar temas emergentes. Na entrevista não diretiva, as questões não estão em formato predefinido, são mais abertas e informais, permitindo uma liberdade de conversação, exigindo um

entrevistador experiente. Na entrevista direta é importante solicitar a informação pretendida de forma explícita. Na indireta, obtém-se informação por dedução a partir de uma resposta positiva ou negativa. No caso de perguntas com respostas livres está implícita a possibilidade de resposta personalizada.

Para garantir o êxito da entrevista, é necessária uma preparação detalhada do contexto onde ela ocorrerá, a escolha e a preparação do local, o agendamento em horário conveniente, a eliminação de barreiras comunicacionais, bem como o controlo do tempo para evitar o cansaço ou a distração do entrevistado. Antes de iniciar a entrevista é essencial que o entrevistador informe claramente o participante sobre objetivos da recolha de dados, o carácter público ou confidencial da entrevista e a importância da sua contribuição para o propósito do estudo, estabelecendo um clima de confiança e de abertura por meio de uma conversa inicial amigável. Outra tarefa, anterior à entrevista, é a construção de um guião ou grelha de perguntas. Implica a recolha de informação específica e a reunião de dados que permitam efetuar questões (AZEVEDO *et al.*, 2017; MAGALHÃES e PAUL, 2021).

Um aspeto frequentemente debatido na literatura, no que respeita à passagem de áudio para texto escrito, é a questão da transcrição da entrevista. A decisão sobre o nível de detalhe na transcrição depende do objetivo da investigação. Algumas abordagens metodológicas recomendam a transcrição parcial ou interpretativa, que não regista integralmente o áudio, mas implica escolhas conscientes orientadas para a análise temática. Outras abordagens exigem uma transcrição completa, na qual todos os elementos do discurso são incluídos, desde erros, gírias, até sons não verbais para captar toda a riqueza do depoimento. Esta é indispensável em estudos que necessitam preservar fidedignamente o contexto da fala (BUCHOLZ, 2000; MCLELLAN, MACQUEEN e NEIDIG, 2003). A transcrição completa do contexto, segundo alguns autores, entre os quais Cook (1986), afirmam que é teoricamente impossível e defendem uma abordagem que reconheça a subjetividade da transcrição.

### ***Entrevistas realizadas por associações profissionais da área da Informação e Documentação***

As associações de profissionais da área da Informação e Documentação têm investido na realização de entrevistas como forma de dar visibilidade aos profissionais do setor. Apresentam-se alguns casos que abrangem associações representativas de diferentes continentes. Muitas destas associações dispõem de publicações periódicas, como *newsletters* e revistas, nas quais são frequentemente publicadas entrevistas com profissionais e com conteúdos relevantes para a área.

A SEDIC (Sociedad Española de Documentación e Información Científica), em Espanha, publicou diversas entrevistas na *Revista Archivos*, uma publicação digital gratuita, com alcance internacional, dedicada à divulgação arquivística e à gestão documental, disponível em cinco idiomas. Criada em junho de 2017 como projeto colaborativo e voluntário, reúne uma equipa de profissionais dispersos no mundo que produzem conteúdos. O objetivo da publicação é disseminar informações e notícias, boas práticas relacionadas com os arquivos e a gestão da informação e apresentar entrevistas profissionais. Estas são realizadas através de contacto da revista com o entrevistado, através de *email*, e posteriormente são publicadas *online*. Relativamente às entrevistas, na região de Portugal, os arquivistas Paulo

Batista e Alexandra Vidal são os responsáveis pela seleção de entrevistados e realização das mesmas, abordando a trajetória académica e profissional dos inquiridos, os principais projetos, as atividades futuras e desafios. Entre 2018 até julho de 2025, foram publicadas cerca de 120 entrevistas, destacando-se os portugueses com trinta e sete (37) arquivistas, sete (7) bibliotecários e seis (6) professores do ensino superior na área de Ciência da Informação<sup>1</sup>.

Em França, L'Association des Professionnels de l'Information et de la Documentation (ADBS), em 2019, publicou um dossiê temático intitulado *Parcours professionnels de documentalistes*, na revista digital *I2D*, com um conjunto de catorze (14) entrevistas a profissionais do setor, constituídas por retratos, testemunhos e percursos na profissão<sup>2</sup>.

No Reino Unido, o CILIP (Chartered Institute of Library and Information Professionals) optou por publicar, em texto, na revista *Information Professional*, as entrevistas a profissionais com cargos relevantes em diversas instituições do setor; no entanto, o volume dessas entrevistas não é expressivo<sup>3</sup>.

A Associação dos Arquivistas do Rio Grande do Sul (AARS), fundada na cidade de Santa Maria, no Brasil, tem como missão defender os interesses dos profissionais de arquivo e promover a valorização e divulgação do trabalho arquivístico, através da realização de eventos e atividades formativas. Os anos de 2020 a 2022 foram marcados pelos impactos da pandemia de COVID-19 e pela suspensão das atividades presenciais. Nesse contexto, a AARS reformulou as suas atividades, e entre elas, destacou-se a criação da série *AARS Depoimentos: Arquivos na Pandemia*, lançada em julho de 2020 e concluída em agosto de 2021. Recolheram, entre os associados, quarenta e três (43) testemunhos de arquivistas, relatando as mudanças provocadas pela pandemia nas suas rotinas profissionais. Os depoimentos foram posteriormente divulgados nas redes sociais da associação e publicadas num *ebook*. As entrevistas foram conduzidas pelo secretário da AARS, a partir de um questionário uniformizado para todos os entrevistados. As perguntas abordaram o local de trabalho dos profissionais, as atividades que realizavam antes da pandemia, as alterações vividas nesse período e, por fim, as expectativas quanto ao regresso à normalidade, o retorno ao trabalho e as rotinas que pretendiam retomar. Entre os quarenta e três (43) participantes, vinte e um (21) são arquivistas de instituições públicas, sete (7) trabalham no setor privado, nove (9) são docentes dos cursos de Arquivística na região sul do Brasil e seis (6) são estudantes da licenciatura em Arquivologia. Quanto à distribuição geográfica, trinta e nove (39) entrevistados são do estado do Rio Grande do Sul, dois (2) do Paraná, um (1) de Santa Catarina e um (1) do Distrito Federal<sup>4</sup>.

Nos Estados Unidos da América, a American Library Association (ALA) não publica diretamente entrevistas no sítio *Web*, mas redireciona para outros sítios *Web* em que se destacam entrevistas a bibliotecários e a arquivistas. Por exemplo, *Minneapolis Interview Project: Life stories through a social justice lens*<sup>5</sup>. A Society of American Archivists (SAA) é a maior e a mais antiga associação profissional da América do Norte, dedicada às

---

<sup>1</sup> <https://www.archivozmagazine.org/pt/principalp/entrevistas/>.

<sup>2</sup> <https://adbs.fr/publications/acces-a-la-revue-i2d/parcours-professionnels-de-documentalistes>

<sup>3</sup> <https://www.cilip.org.uk/page/infopro>

<sup>4</sup> <https://aargs.com.br/tag/serie-aars-depoimentos/>

<sup>5</sup> <https://turtleroad.org/>

necessidades e interesses dos arquivos e dos arquivistas. O seu blogue ArchivesAWARE! publicou cerca de cinquenta (50) entrevistas a profissionais, desde 2017 a 2025<sup>6</sup>.

Na Austrália, a Australian Library and Information Association (ALIA) disponibilizou um arquivo com quarenta e seis (46) entrevistas realizadas entre 2017 e 2024, com profissionais de todo o país. As entrevistas, transcritas em formato textual, abordam temas como os percursos profissionais, as motivações para o exercício da profissão e a partilha de conselhos dirigidos a estudantes e a recém-licenciados<sup>7</sup>.

### **Resultados**

O projeto *Entrevistas Profissionais* foi desenvolvido no âmbito da BAD e consistiu na realização de nove (9) entrevistas, em formato áudio e vídeo, a associados honorários já aposentados que desempenharam um papel relevante na história da Associação. As entrevistas incidiram sobre o percurso profissional de cada participante, explorando igualmente a influência e o contributo da BAD nas respetivas trajetórias. Foram elaborados os guiões das entrevistas e a sua concretização foi sob a condução do associado Paulo Batista, que demonstrou elevada competência, maturidade e capacidade na condução das entrevistas, assegurando a sua qualidade e rigor (BATISTA, 2023a, 2023b, 2023c, 2023d, 2023e, 2023f, 2023g, 2023h; BATISTA e ALVIM, 2022a; 2022b). As gravações decorreram entre setembro de 2022 e julho de 2023. Futuramente, a BAD tem como intenção disponibilizar as nove entrevistas, em formato textual, através de uma publicação.

Relativamente às três categorias escolhidas, através de análise de conteúdo, para apresentar neste trabalho, apresentam-se apenas alguns excertos de respostas de determinados entrevistados, selecionadas de acordo com a relevância para o tema. Embora os vídeos das entrevistas estejam disponíveis *online*, as transcrições ainda estão em processo de validação pelos respetivos entrevistados, como referido anteriormente, pelo que neste trabalho não são mencionados os seus nomes.

### **Formação e desenvolvimento de competências**

Os excertos extraídos das entrevistas, enquadrados na categoria “Formação e desenvolvimento de competências”, evidenciam a relevância da formação no desenvolvimento das competências essenciais ao profissional da informação, seja bibliotecário, arquivista ou outro. As trajetórias apresentadas revelam profissionais com abertura à mudança e à procura de mais formação. As instituições públicas e as respetivas direções às quais os entrevistados estavam vinculados contribuíram para a sua valorização ao autorizarem a participação em conferências, estágios e cursos internacionais. Além disso, alguns entrevistados frequentaram programas de mestrado e doutoramento, em Ciência da Informação, em universidades de grande prestígio, na década de 1980.

---

<sup>6</sup> <https://archivesaware.archivists.org/?s=interview>

<sup>7</sup> <https://studentsandnewgrads.alia.org.au/aliamsgg-and-glamr-professional-profile-and-interviews-archive/>

“[...] a primeira vez que fui à IFLA, fui com Maria José Moura, a Chicago, em agosto de 1985. Não me esqueço, digamos assim, da introdução à IFLA que ela me fez. Depois percebi rapidamente que era importante a Biblioteca Nacional fazer-se representar na IFLA. E, portanto, comecei uma luta desenfreada para estar presente nas secções que eu achava que eram mais importantes para a Biblioteca Nacional. E, aos poucos, fui empurrando os meus colegas [...] para irem para setores [em] que era importante estar presente, conhecer outras pessoas, outras bibliotecas e trazer novidades para casa”. (Entrevistado 1)

“[...] a diretora na altura da Biblioteca [Pública Municipal do Porto], a Fernanda Brito, entendeu que eu deveria ir fazer um curso a Birmingham City Council [sobre] material não-livro, foi muito interessante porque tive de facto experiências, não só com bibliotecas públicas muito modernas, com livre acesso às estantes e uso do material não-livro, uso de materiais de vários tipos e que eram tratados de uma maneira mais ou menos integrada. Isso foi-me abrindo de facto perspectivas novas que me foram muito úteis mais tarde.” (Entrevistado 2)

“Em 1982, tive a sorte de ser bolseiro e fui de janeiro a dezembro para esse curso [Mestrado na Universidade de Leeds, Reino Unido]. Duas coisas que recordo, uma é ter tido o privilégio e a sorte de viver em imersão num sistema de bibliotecas que é da primeira categoria. Aí pude viver o livre acesso, como sendo eu ator. Tive também uma noção muito viva do que é o empréstimo inter-bibliotecas, que eu usei e abusei, porque era gratuito e tive a oportunidade de aproveitar bem essa componente”. (Entrevistado 7)

“Quanto às novas tecnologias e à informatização, desde muito cedo, fui sensibilizada no curso, eu e os meus colegas, pelo Jorge Peixoto, que foi a primeira pessoa que em Portugal publicou um artigo, em 1964, sobre a informatização, pois tinha feito um estágio nos Estados Unidos da América e andou a percorrer várias bibliotecas onde a informatização já tinha acontecido. Mais tarde, a Teresa Pinto Mendes, anos 70, foi também fazer o mesmo, para a Universidade Federal de São Carlos (São Paulo, Brasil). Eles os dois foram os mestres do incentivo para arrancarmos com a informatização. Curiosamente, no dia 24 de abril, véspera da Revolução, os bibliotecários da universidade estavam numa reunião para ver quais eram os caminhos que nós poderíamos seguir para arrancar com a informatização nas nossas bibliotecas. E ainda há dias encontrei os apontamentos dessa reunião, até me comovi. Ou seja, a minha geração tinha a consciência que esse papel lhe cabia, mas de facto incentivados e motivados pela geração anterior”. (Entrevistado 4)

“O meu doutoramento foi antes de Bolonha, mas já era tradição no Reino Unido não haver aulas presenciais. Tive uma orientação, tive um orientador extraordinário. Aliás, quando fui para Sheffield, fui à procura do Professor Bob Usherwood. Foi com ele que promovi a tradução para português do livro *A Biblioteca Pública como conhecimento público*. Aprendi em Sheffield [...], a primeira reação foi de surpresa, depois foi de estudo e de compreensão”. (Entrevistado 9)

Por intermédio da BAD, e em particular de Maria José Moura, na década de 1980, foram convidados a deslocar-se a Portugal diversos especialistas que partilharam o seu saber e a sua experiência. A Associação promoveu o desenvolvimento de conhecimentos e de práticas na comunidade profissional, contribuindo para a consolidação de competências e para o fortalecimento da identidade coletiva do setor.

“[...] o seminário sobre a animação de bibliotecas que se realizou na Lisboa, por iniciativa da BAD, com a presença do bibliotecário francês Jean Tabet, foi nesse seminário [...] que eu descobri verdadeiramente o potencial da biblioteca [...] só com esses três dias de convívio intenso é que percebi o que pode ser verdadeiramente uma biblioteca e a sua importância no seio da comunidade. [...] A Maria José [Moura] convidou-me e convidou também o [...] bibliotecário da Biblioteca Pública Municipal de Porto [...] e um bibliotecário de Lisboa, para redigirmos um documento com uma espécie de conclusões de que tinha sido aquele seminário. E assim nasceu o Manifesto [*A Leitura Pública em Portugal – Manifesto*]. [...] Surge o Grupo das Bibliotecas Públicas, que coordenei [...] e surgem inúmeras iniciativas que vão conduzir, muitas delas organizadas pela BAD, ao decreto que cria a Rede das Bibliotecas Públicas”. (Entrevistado 5)

“A Rede Nacional de Bibliotecas Públicas, era conhecida como Rede Nacional das Bibliotecas de Leitura Pública. Isto é um sinal da inspiração francesa das bibliotecas de leitura pública. Nós começámos a visitar e a ver estas bibliotecas que [viviam] noutras circunstâncias e que tinham outras realidades sociais e económicas [...]. O que aprendemos nestes projetos teve muito a ver com uma nova orientação. Foi também a altura do desenvolvimento da informática que começa a entrar pelas bibliotecas. Aliás, pode parecer bizarro, mas muitas vezes tivemos discussões muito acesas sobre se deveríamos ou não ter computadores nas bibliotecas”. (Entrevistado 9)

Os profissionais referiram a escassez de bibliografia sobre aspetos teóricos e práticos. Um dos entrevistados referiu a influência da tradição francesa, enquanto outro destacou a ausência de manuais técnicos, lacuna que, segundo considerou, foi em parte atenuada pela publicação de estudos sobre o conhecimento científico na área da arquivística, considerados fundamentais para o crescimento profissional de toda uma geração.

“Tive de ler, tive de estudar muito, tive de comprar muita bibliografia francesa. A minha formação, como eu digo, é essencialmente francesa. A partir da bibliografia francesa, dos livros, jornais e revistas que comprei e que assinei, foi aí que eu aprendi muito. E foi a partir daí, da experiência que eu tinha e também do pouco que se publicava em Portugal, que fui docente dos cursos [Ciências Documentais] nas três faculdades onde eles existiam. Na Faculdade de Letras de Lisboa, Porto e Coimbra”. (Entrevistado 5)

“A obra *Arquivística, teoria e prática de uma Ciência da Informação* [de A.M. Silva, F. Ribeiro, J. Ramos e M. Real] [...], publicada em 1988 pelas Edições Afrontamento, é um marco dessa produção científica. [...]. Nós não tínhamos só carência de infraestruturas, havia também bastante pobreza conceptual, normalização muito deficiente, tínhamos dificuldade de acesso, por exemplo, a manuais técnicos etc. [...]”. (Entrevistado 2)

O contacto com os relatos de profissionais, através das entrevistas, pode despertar, entre os novos profissionais, a necessidade de aprofundar o conhecimento sobre a profissão, aperfeiçoar as dimensões teóricas e técnicas e, sobretudo, valorizar o estudo e a reflexão crítica sobre a prática profissional e a diversidade de literatura científica que existe atualmente.

### *Valorização do percurso e da identidade profissional*

Destacam-se, na categoria “Valorização do percurso e da identidade profissional”, excertos de entrevistas em que se compreende a evolução das práticas, valores e competências exigidas ao longo do tempo. Atualmente, a identidade profissional é fortalecida pelo reconhecimento da importância das anteriores gerações de profissionais e dos caminhos já percorridos.

“[...] houve o primeiro congresso de bibliotecários no Porto [1985]. Onde eu fui e anunciei o projeto de automatização, na altura era o que se dizia, não era a informatização, portanto era a automatização da Biblioteca Nacional. Coube-me a mim anunciar”. (Entrevistado 1)

“[...] desenvolvemos este trabalho [ARQBASE], que era baseado nos ensinamentos do Michael Cook, a descrição multinível, o que era à época uma inovação, (aproveitamos também o *software*, o primeiro *software* da Biblioteca Nacional, disponibilizado pela UNESCO, o MiniMicro CDS/ISIS). O Rafael António e a Ana Franqueira fizeram a parte informática, nós fizemos a parte dos manuais. Esse trabalho foi reconhecido pelo ICA (Conselho Internacional de Arquivos), de tal maneira que, em 1990, fui convidada pelo Secretário-Geral do ICA e pelo Bundesarchiv de Koblenz (Alemanha), para ir apresentar o ARQBASE que teve uma importância muito grande [...] na aproximação e na cooperação com os países de língua oficial portuguesa”. (Entrevistado 3)

As histórias de superação, inovação e resiliência relatadas nestes excertos, podem incentivar e motivar outros profissionais que se encontram no início de carreira. Conhecer exemplos de sucesso e de fracasso ajudam a gerir as expectativas e as frustrações, fomentando uma atitude mais realista e resiliente perante os desafios profissionais.

“Em dezembro de 1985 [...] quais foram os grandes problemas? Houve dificuldades técnicas? Como seria de esperar! Dentro da biblioteca e fora da biblioteca. Fora da biblioteca porque não havia nenhuma automatizada em Portugal. A única biblioteca que tinha um computador era a biblioteca do Banco de Portugal [...], mas continuavam a fazer as fichas a partir do computador [...], não trabalhavam em rede, não estavam ligados, o computador era uma ferramenta moderna que tinha substituído a máquina de duplicar [...]. Dentro da biblioteca havia muito *know-how* em matéria de Biblioteconomia, os meus colegas sabiam da matéria, mas não estavam predispostos à automatização [...]. Esse não foi um trabalho fácil. Convencer as pessoas de que nós tínhamos uma oportunidade única nas mãos e que podíamos avançar foi a dificuldade maior”. (Entrevistado 1)

“Ultrapassámos todos os problemas técnicos, porque eu tive a sorte de ter colegas [...] que ficaram muito entusiasmados com a ideia do projeto, que estudaram profundamente as questões técnicas, organizaram-se grupos de trabalho para a indexação, para o UNIMARC, o grupo de trabalho para o não sei o quê, grupos de trabalho que cortavam a biblioteca, isto é importante dizer, que cortavam a biblioteca na transversal [...], as pessoas punham em cima da mesa todos os problemas que elas sentiam em cada departamento e depois discutiam [...]”. (Entrevistado 1)

“Em 1983, consegui convencer o vereador do pelouro a tratar da integração do arquivo geral na dependência do arquivo histórico [...] para o sistema começar a ter uma certa uniformidade de tratamento e de se poder dinamizar a relação com os serviços administrativos [...]. Através do arquivo geral comecei a ter, eu e os meus colegas, uma relação mais direta com os serviços. Os problemas eram muitos, a maior parte dos serviços

queriam fazer, não eram transferências, eram despejos. E, portanto, tudo isso veio originar uma sessão de dificuldades, mas que aos poucos íamos, com um bocado de jogo de cintura, conseguindo resolver. E aos poucos também ia conseguindo convencer a administração a aumentar o quadro de pessoal”. (Entrevistado 2)

Por outro lado, estes excertos relatam também a história da profissão, o que se fez, os avanços alcançados e as conquistas obtidas, traçando o retrato de uma geração de profissionais, no século passado, que atualmente inspiram e motivam novos percursos na profissão.

“Com a minha geração entra sangue novo, gente muitíssimo mais nova, na casa dos 20 e poucos anos, acabados de licenciar e com tudo o que isso significa de energia, de contestação também, etc., e isso para a anterior geração representou uma esperança [...], eles acolheram-nos tão bem, não nos largavam, para estimular-nos, a dar-nos oportunidades, a passar-nos o testemunho, fomos extremamente bem recebidos. Penso que eles se sentiram mais seguros para a continuidade e para a sucessão que nós representaríamos e, nós, por outro lado, tínhamos nessa época alguma humildade para perguntar e para aceitar conselhos [...]. O mérito dessa geração foi, de facto, muito grande, porque eles é que estabeleceram os princípios básicos e as normas para o tratamento técnico, desde as *Regras Portuguesas de Catalogação* até à ficha catalográfica nacional, princípios para o tratamento do livro antigo e dos manuscritos, os catálogos coletivos, a CDU, regras para o Depósito Legal e até, isto parece um bocadinho ridículo nos tempos que correm, havia quem se dedicasse ao estudo das regras para a alfabetação das fichas nos catálogos convencionais. Isto hoje parece-nos época medieval, mas não era, [...], porque todos os funcionários tinham de escalar as fichas para ficarem rigorosamente [corretas], senão, perdia-se a informação. Essa geração teve um papel muito importante na dignificação e valorização da carreira, que de facto não era reconhecida por ninguém, e nisso os *Cadernos* tiveram um papel muito importante”. (Entrevistado 4)

“[...] a minha geração entrou com um grande fogo, pouco tempo depois dá-se a mudança de regime. Tinha a perfeita consciência do que era preciso fazer e, de facto, o meu curso de bibliotecários pode orgulhar-se de ter dado grandes frutos [...], deram todos eles um valioso contributo para a credibilização da profissão e para o [seu] reconhecimento e a prova disso é que ocuparam, muitos deles, lugares importantes [...]. Mas nesta profissão, e noutras, há duas formas de a encarar. Há aqueles para quem a profissão é um emprego, é um simples emprego, onde se vai das nove às cinco [...] e há aqueles, aos quais pertencço, para quem a profissão é uma paixão. E para além da paixão, é uma missão”. (Entrevistado 4)

“A Maria José [Moura], pelas bibliotecas e eu pelos arquivos, colaborámos na formação do Decreto-lei 247/91 que criou as carreiras BAD [...]”. (Entrevistado 3)

“Desafios ou receios. Há muita gente que diz "isto agora está tudo automatizado, não vamos precisar de bibliotecário de qualquer coisa nenhuma, a gente chega lá, carrega no botão, o livro aparece". Acho que ainda não estamos propriamente nessa situação e continuo a achar que, apesar de haver muitos leitores que não precisam da intermediação de um bibliotecário ou de um técnico de biblioteca, a profissão ainda fará falta para o aconselhamento, acompanhamento, para perceber melhor o que é que aquela pessoa quer. E isso foi uma coisa que eu gostei de fazer, porque nos meus primeiros tempos na catalogação, o serviço de referência ainda não tinha autonomia, o pessoal da catalogação rodava entre o catalogar e o vir atender [o leitor]. E quando havia qualquer problema que

eles não conseguiam resolver, ou uma pergunta complicada ou qualquer coisa, avançava o bibliotecário”. (Entrevistado 8)

“[...] os armários estavam fechados à chave e os livros viviam atrás de redes. Nós acabamos com isso. O primeiro passo foi tirar as portas desses armários. Aí começou o acesso aos livros”. (Entrevistado 9)

### *Preservação da memória da BAD*

Dez anos depois do aparecimento dos *Cadernos*, e em grande medida fruto do impulso gerado pela sua campanha de dignificação da classe, é criada a Associação de Bibliotecários, Arquivistas e Documentalistas. O processo de constituição da BAD, em 1973, foi conduzido por uma Comissão eleita em 20 de julho de 1972. Em 7 de dezembro, em Coimbra, no final do IV Encontro, realizou-se a primeira assembleia-geral e foram eleitos os primeiros corpos dirigentes (PERICÃO *et al.*, 1983). Os excertos que se apresentam deixam perceber que a memória fundadora da BAD permanece bem viva nos profissionais que participaram ou testemunharam o seu nascimento, funcionando como uma narrativa fundadora da comunidade profissional.

“Em dezembro de 1972, realizou-se um encontro, na altura não se chamava congresso, de bibliotecários e arquivistas, em Coimbra. E foi aí que nasceu a BAD. Foi aí que se fez uma grande reunião, a Maria José Moura explicou o que estava em jogo e a oportunidade que nós tínhamos de agarrar nisto e as pessoas tiveram uma adesão enorme. Aliás, o encontro estava cheio de profissionais, toda a gente achava que aquele era o momento, inclusive até participei em reuniões em que se estavam a preparar os estatutos. Nunca conheci de outra maneira a profissão que não fosse ligada à BAD. Também me liguei cedo e entendi sempre que se entrávamos na profissão, devíamos fazer parte da Associação, porque era ali que nós nos podíamos encontrar, debater ideias, caminhar para a frente, enfim, era ali que era o nosso sítio, não era num cantinho isolado, sem conhecer mais ninguém. Tive essa sorte também de participar em muitas ações da BAD”. (Entrevistado 8)

“Tive o enorme privilégio de ser espectadora empenhada, tal como os colegas da minha geração, do nascimento da BAD em dezembro de 1973. [Realizou-se] o 4º Encontro aqui [Coimbra] e no final foi criada a BAD, que andava a ser congeminada e preparada há muito tempo. Tomaram posse o corpo de gestão, etc. Eu era ainda aluna do curso de bibliotecários, por isso mesmo tivemos de esperar [...], para ter o diploma para sermos aceites como associados. Mas acompanhámos o processo desde o primeiro momento, foi um privilégio enorme ter assistido a isso. A BAD nasceu ainda no período da ditadura, mas representava um farol de esperança para a profissão, para todos nós, apesar de haver constrangimentos e até eventuais vigilâncias, o direito de associação não era bem visto, tomar essa decisão de criar uma associação profissional era de uma grande ousadia. Felizmente, cerca de quatro meses e meio depois, dava-se a Revolução do 25 de abril e aí as esperanças, se nós já as tínhamos, até aí eram os *Cadernos* que desempenhavam esse papel, com a associação profissional, as nossas esperanças redobram. Foi uma coisa perfeitamente espantosa”. (Entrevistado 4)

“Estava no grupo que assinou o pedido para criação e legalização da BAD. Estamos a falar de [19]72, naquela altura não se podia formar uma associação só porque as pessoas assim o queriam. Era preciso ter a autorização da PIDE. Pediram-me se estava disponível para assinar o papel, e assinei, fui o número 23, e com o número 23 assim fiquei associada da

BAD. Portanto, não aderi mais tarde à BAD [...]. Entrava-se na função pública e tinha que se fazer uma declaração anticomunista. Depois para ter uma associação tinha que se submeter à PIDE. Não se podia reunir quando se queria [...]. Era uma luta técnica e era uma luta política de certa maneira, porque as pessoas tinham que ter a coragem de dizer "não, isto está errado e a queremos modificar o sistema". (Entrevistado 1)

"Regressei a Portugal no dia 25 de abril de 1974. Curiosamente, regressei nesse dia e fui logo para Coimbra para terminar o meu estágio, o que aconteceu em outubro de 1974. E nessa altura, já sendo bibliotecário, pelo menos já tinha o diploma, inscrevi-me logo como associado da BAD. Comecei a beneficiar da informação que a BAD fazia circular, das ações de formação que realizava, dos contactos com outros colegas. Desde o princípio, ela foi imprescindível na minha formação profissional e no estabelecimento de laços de amizade, de grande cumplicidade com inúmeros colegas. Marcou-me desde o princípio. Sem a BAD a minha vida profissional teria sido diferente. Por isso participei sempre em todas as suas iniciativas". (Entrevistado 5)

"[...] essa geração teve um papel muito importante na dignificação e valorização da carreira, que de facto não era reconhecida por ninguém, e nisso tiveram um papel muito importante os *Cadernos* que funcionaram antes da BAD, como um grande motor agregador da classe profissional, quer dos bibliotecários quer dos arquivistas. Quanto à formação e às novas possibilidades de formação, a minha geração já não beneficiou disso, foi obreira disso. Portanto, as gerações anteriores tinham criado as condições para haver, e a BAD já nessa altura, criou condições para haver um novo tipo de formação". (Entrevistado 4)

A BAD assumiu um papel de destaque na formação dos profissionais, promovendo ações que favoreceram a qualificação e o desenvolvimento contínuo da comunidade, quer na definição de percursos de qualificação, quer na oferta de formação contínua, ciclos de seminários e cursos técnicos que acompanham a evolução das bibliotecas, arquivos e serviços de informação em Portugal. Os entrevistados descrevem a Associação como uma importante entidade formadora certificada e de referência para bibliotecários, arquivistas e documentalistas.

"A BAD teve um papel primordial na formação dos profissionais, sobretudo de técnicos, no estabelecimento, valorização e dignificação das carreiras, quer de técnicos superiores quer de técnicos auxiliares e na possibilidade de se deslocarem professores estrangeiros, de criar ações de formação, etc.". (Entrevistado 4)

"A BAD lançou os primeiros cursos de técnicos auxiliares, quer nos Açores, quer em Lisboa, quer em Coimbra, dei o meu pequeno contributo, ao ser responsável por alguns módulos. E como estávamos muito carentes [...], os cursos para técnicos auxiliares caíram como uma bênção nas bibliotecas, assim como os do Fundo Social Europeu, foram centenas de cursos que se fizeram. Isso foi muito importante". (Entrevistado 4)

"Foi muito mais importante o que recebi da BAD do que o que dei à BAD. Vou explicar toda a parte de formação dos arquivistas que a Maria José Moura (que não era arquivista, mas bibliotecária), tinha a perfeita noção da importância de formar os arquivistas novos, que estavam a iniciar o trabalho, foi importante toda aquela geração de arquivistas que cá vieram. No que diz respeito ao 5º Congresso da BAD, quando eu era vice-presidente [...] resolvemos fazer, paralelamente ao Congresso, o lançamento do *Dicionário de Terminologia Arquivística*. (Entrevistado 3)

“A BAD foi fundamental na minha formação, foi um vetor da maior importância”. (Entrevistado 9)

“Ao tempo [1974], a BAD realmente tinha essa marca, esse carisma, que apreciei e que se foi mantendo. A profissão tinha uma valorização muito baixa, junto do público, dos leitores, era efetivamente uma classe muito desvalorizada, não estava sequer equiparada aos técnicos do Estado, que hoje são os técnicos superiores. Nesse tempo, a reivindicação máxima era essa e a BAD conseguiu isso”. (Entrevistado 7)

A memória projetada nestes excertos é, ao mesmo tempo, histórica e afetiva, assenta em datas, assembleias, eleições, mas também em narrativas sobre a luta pela dignificação da classe e pela construção de um espírito associativo.

### *Considerações finais*

Na literatura destaca-se a importância de investigar e refletir sobre a memória profissional para se construir uma identidade coletiva da profissão. Em Portugal, ainda não existe uma estratégia consolidada, entre a Associação e outras instituições, para se concretizar programas e/ou projetos que valorizem a partilha da memória com as gerações mais novas. Identificaram-se várias associações profissionais da área da Informação e Documentação, um pouco por todo o mundo, com práticas de realização de entrevistas a profissionais, com o objetivo de preservar a memória institucional e valorizar o percurso dos seus membros.

Este trabalho constituiu um exercício que procura oferecer um pequeno contributo a esta causa. Através dos excertos das entrevistas realizadas a nove profissionais, associados honorários da BAD, revelam-se resultados de grande riqueza, decorrentes da análise de conteúdo, com destaque para as categorias relacionadas com a formação e o desenvolvimento de competências dos entrevistados, a valorização dos seus percursos e a salvaguarda da memória da BAD. Esses resultados evidenciam boas práticas desenvolvidas ao longo das trajetórias profissionais e contribuem para a construção de um legado duradouro que reflete a história da profissão, as conquistas alcançadas e os desafios superados. Dadas as limitações de extensão deste artigo, não é possível apresentar todos os resultados obtidos. Todo o material recolhido no âmbito do projeto *Entrevistas Profissionais*, incluindo as entrevistas, memórias e testemunhos escritos, será reunido numa publicação editada pela BAD, com grande relevância para o domínio da informação e documentação em Portugal. Esta publicação constituirá um espaço privilegiado de divulgação desses conteúdos, garantindo a preservação e a transmissão da memória profissional às gerações futuras.

Sem dúvida, a valorização da profissão e a preservação da memória da Associação constituem uma fonte de inspiração para as novas gerações de profissionais. Nos diversos excertos, encontram-se afirmações e recordações que permitem identificar padrões e antecipar desafios, enriquecendo o repertório coletivo da Associação e da profissão. Esses testemunhos evocam momentos marcantes da sua história e oferecem contributos gratificantes para as gerações futuras.

Em resumo, as entrevistas a profissionais e o trabalho de transcrição e de análise de conteúdo foram ferramentas valiosas para o desenvolvimento do conhecimento de percursos profissionais que promovem aprendizagem, inspiração, reflexão crítica e

preservação da memória, fortalecendo tanto indivíduos quanto as comunidades profissionais.

### **Referências bibliográficas**

#### **AMERICAN PSYCHOLOGICAL ASSOCIATION**

2017 *Ethical principles of psychologists and code of conduct: General principles*. [Em linha]. 2017. [Consult. 14 mar. 2026]. Disponível em: <https://www.apa.org/ethics/code/>.

#### **ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE BIBLIOTECÁRIOS, ARQUIVISTAS, PROFISSIONAIS DA INFORMAÇÃO E DOCUMENTAÇÃO. Comissão Técnica da Profissão**

2025a Entrevistas Profissionais. In *YouTube*. . [Em linha]. 2025. [Consult. 14 mar. 2026]. Disponível em: <https://www.youtube.com/playlist?list=PLylBxAQqJ7LeUsoI-BMSEmLXoYhWQe2f6>.

#### **ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE BIBLIOTECÁRIOS, ARQUIVISTAS, PROFISSIONAIS DA INFORMAÇÃO E DOCUMENTAÇÃO. Comissão Técnica da Profissão**

2025b *Somos Profissão*. [Em linha]. 2025. [Consult. 14 mar. 2026]. Disponível em: <https://bad.pt/profissao/somos-profissao/>.

#### **AZEVEDO, V. [et al.]**

2017 Transcrever entrevistas: questões conceptuais, orientações práticas e desafios. *Revista de Enfermagem Referência*. [Em linha]. 4:14 (2017). [Consult. 14 mar. 2026]. Disponível em: <https://doi.org/10.12707/RIV17018>.

#### **BAILEY, J.**

2008 First steps in qualitative data analysis: transcribing. *Family Practice*. [Em linha]. 25:2 (2008) 127-131. [Consult. 14 mar. 2026]. Disponível em: <http://DOI.org/10.1093/fampra/cmno03>.

#### **BARDIN, L.**

1977 *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 1977.

#### **BATISTA, P.**

2023a *Entrevista profissional a António Pina Falcão*. [Em linha]. 2023. [Consult. 14 mar. 2026]. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10174/35831>.

#### **BATISTA, P.**

2023b *Entrevista profissional a Fernanda Campos*. [Em linha]. 2023. [Consult. 14 mar. 2026]. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10174/35527>.

#### **BATISTA, P.**

2023c *Entrevista profissional a Henrique Barreto Nunes*. [Em linha]. 2023. [Consult. 14 mar. 2026]. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10174/35525>.

#### **BATISTA, P.**

2023d *Entrevista profissional a José António Calixto*. [Em linha]. 2023. [Consult. 14 mar. 2026]. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10174/35534>.

**BATISTA, P.**

2023e *Entrevista profissional a Luís Cabral*. [Em linha]. 2023. [Consult. 14 mar. 2026]. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10174/35537>.

**BATISTA, P.**

2023f *Entrevista profissional a Madalena Garcia*. [Em linha]. 2023. [Consult. 14 mar. 2026]. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10174/35551>.

**BATISTA, P.**

2023g *Entrevista profissional a Maria Rosário Pericão*. [Em linha]. 2023. [Consult. 14 mar. 2026]. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10174/35529>.

**BATISTA, P.**

2023h *Entrevista profissional a Manuel Luís Real*. [Em linha]. 2023. [Consult. 14 mar. 2026]. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10174/35528>.

**BATISTA, P.; ALVIM, L.**

2022a *Entrevistas profissionais aos associados da BAD*. [Em linha]. 2022. [Consult. 14 mar. 2026]. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10174/35553>.

**BATISTA, P.; ALVIM, L.**

2022b *Entrevista profissional a Maria Luísa Cabral*. [Em linha]. 2022. [Consult. 14 mar. 2026]. Disponível em: <https://noticia.bad.pt/2022/10/13/entrevistas-profissionais-aos-associados-da-bad/>.

**BUCHOLTZ, M.**

2000 The Politics of transcription. *Journal of Pragmatics*. [Em linha]. 32:10 (2000) 1.439-1.465. [Consult. 14 mar. 2026]. Disponível em: [http://DOI.org/10.1016/S0378-2166\(99\)00094-6](http://DOI.org/10.1016/S0378-2166(99)00094-6).

**COOK, G.**

1986 Problems and solutions in the transcription of context for discourse analysis. *Recherches anglaises et nord-américaines*. [Em linha]. 19 (1986) 113-130. [Consult. 14 mar. 2026]. Disponível em: <http://DOI.org/10.3406/ranam.1986.1150>.

**MAGALHÃES, J.; PAUL, V.**

2021 Entrevista. In *Manual de investigação qualitativa: conceitos, análise e aplicações*. Ed. S. Gonçalves, J. Gonçalves, C. Marques. Lisboa: Pactor, 2021.

**MCLELLAN, E.; MACQUEEN, K. M.; NEIDIG, J. L.**

2003 Beyond the qualitative interview: Data preparation and transcription. *Field Methods*. [Em linha]. 15:1 63-84 (2003). [Consult. 14 mar. 2026]. Disponível em: <http://DOI.org/10.1177/1525822X02239573>.

**OCHÔA, P.; BARATA, P.**

2018 O Direito a ser lembrado: memória e espaço biográfico na profissão de Informação-Documentação (I-D). *Páginas a&b: arquivos e bibliotecas*. [Em linha]. 3ª série, 3:9 (2018) 46-79. [Consult. 14 mar. 2026]. Disponível em: <http://DOI.org/10.21747/21836671/pag9a4>.

**OCHÔA, P.; PINTO, L. G.**

2018 Cuidar da memória, do futuro e da sustentabilidade: comparar estratégias profissionais. In CONGRESSO NACIONAL DE BIBLIOTECÁRIOS, ARQUIVISTAS E DOCUMENTALISTAS, 13º, Fundação, 2018. [Em linha]. 2018. [Consult. 14 mar. 2026]. Disponível em: <https://publicacoes.bad.pt/revistas/index.php/congressosbad/article/view/1776>.

**PERICÃO, M. G. [et al.]**

1983 Subsídios para a história dos Cadernos de Biblioteconomia, Arquivística e Documentação. *Cadernos de Biblioteconomia, Arquivística e Documentação*. 2ª série, 1 (1983) 7-9.

Luísa Alvim | [mluisa.alvim@gmail.com](mailto:mluisa.alvim@gmail.com)

CIDEHUS - Universidade de Évora, Portugal